

JACOB F. FIELD



A HISTÓRIA DA
EUROPA
PARA QUEM TEM PRESSA

Tradução
IVAN WEISZ KUCK



valentina 

Rio de Janeiro, 2023

1ª edição

INTRODUÇÃO

Em termos geográficos simples, a Europa é constituída pela parte ocidental da massa de terra eurasiânica e pelas ilhas dos mares e oceanos vizinhos. O limite oriental da Europa é inteiramente arbitrário — sua fronteira com a Ásia costuma ser definida pelo Rio Ural, pelos mares Negro e Cáspio, e pelos Estreitos Turcos. Este livro tem início cinco milênios atrás, na Idade do Bronze, quando as primeiras civilizações europeias começaram a surgir, e se estende até as primeiras décadas do século 21. Para facilitar ao leitor o entendimento de um período histórico tão vasto, a obra se divide em pequenas “porções” de fácil assimilação; cada uma delas aborda um aspecto da história europeia, seja político, social, religioso, econômico ou cultural. Algumas examinam em detalhes eventos, temas ou períodos importantes, enquanto outras proporcionam minibiografias de “Europeus Notáveis” que moldaram o continente. As “porções” podem ser lidas em separado, mas também fazem parte de uma abrangente narrativa.

Uma avaliação da amplitude e escala da história europeia é um fator vital para que possamos compreender as histórias dos países e regiões que formam o continente. Eles nunca existiram isolados, e seu desenvolvimento ao longo do tempo deve muito às interações entre si. Essas interações foram por vezes violentas, mas a violência se viu sobrepujada por episódios de colaboração transnacional e intercâmbio cultural. Além disso, embora as potências europeias não mais dominem o mundo com seus impérios e colônias, seu legado é

sentido em toda parte, seja nas leis, constituições, línguas, religiões ou tecnologias. A História da Europa ainda interage com a política moderna e exerce influência sobre ela; seu legado é inevitável.

A História da Europa para Quem Tem Pressa proporcionará ao leitor uma compreensão do passado de um continente onde ocorreram alguns dos eventos mais significativos da história da humanidade. Guerras brutais, violência desumana, heróis abnegados, vilões infames, nobre idealismo, inovações revolucionárias, grandiosas obras de arte e numerosas catástrofes.



CAPÍTULO UM

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Os MINOICOS

Creta era o centro da civilização minoica, povo da Idade do Bronze que deve seu nome a Minos, o mítico rei de Creta, que possuía um labirinto onde sacrificava vítimas ao Minotauro (criatura monstruosa, metade homem, metade touro). Durante o terceiro milênio a.C., os minoicos começaram a fabricar ferramentas e armas de bronze, além de requintadas peças de cerâmica esmaltada e joias de ouro. Desenvolveram um sistema de escrita hieroglífica (hoje conhecido como Linear A) e realizaram rotas comerciais ao longo do Mediterrâneo, principalmente com os egípcios, em direção ao Sul. A partir do ano 2000 a.C., os minoicos começaram a construir um complexo palaciano em Cnossos, ao redor do qual se desenvolveu a primeira cidade da Europa. Mais tarde, ergueram outros complexos em Creta, incluindo Festo, Zacro e Mália.

Embora o palácio de Cnossos tenha sido devastado por um fortíssimo terremoto em 1720 a.C., outro ainda maior

e mais imponente e elaborado foi reerguido no local ao longo dos séculos seguintes. Tinha finalidades administrativas e cerimoniais, além de possuir oficinas, residências e porões para armazenagem. Quando escavaram o complexo, em 1900, os arqueólogos descobriram paredes com requintados afrescos; de temática religiosa e secular, as pinturas eram representações naturalistas de animais, plantas e pessoas. Uma das mais famosas retrata o “salto sobre touros”, um atlético ritual religioso no qual os celebrantes agarravam os chifres de um touro e saltavam sobre ele (prática similar ainda ocorre no sudoeste da França). No século 17 a.C., a população de Cnossos pode ter chegado a 100.000 habitantes.

A civilização minoica atingiu o apogeu da sua influência no século 16 a.C., quando se expandiu para o Chipre e outras ilhas do Egeu, além da Grécia continental, onde influenciou os povos micênicos. Por volta de 1500 a.C., a civilização minoica começou a declinar; uma das causas pode ter sido um grande terremoto ao largo da costa cretense, que acabou enfraquecendo os minoicos e permitindo que os micênicos conquistassem Creta e se tornassem a potência dominante da região. Em 1400 a.C., um incêndio destruiu o grande palácio de Cnossos; a cidade continuou sendo habitada, mas diminuiu em tamanho e em importância.

Os FENÍCIOS

A primeira grande potência comercial da Europa foi a Fenícia, que formou uma rede de comércio que se estendia, pelo Mediterrâneo, do atual Líbano ao sul da Espanha. Durante o segundo e o primeiro milênios a.C., os fenícios criaram colônias comerciais costeiras no Levante, no norte da África,

na Itália e na Espanha. Em vez de constituírem um império formal, eram uma livre aliança de cidades-Estado. Hábeis navegadores e construtores navais, negociavam artigos de luxo, como cedro, vinho, marfim e vidraria. Alguns dos seus produtos avançaram tanto rumo ao Norte, que chegaram às Ilhas Britânicas, onde provavelmente eram trocados pelo estanho extraído das minas da região. Muitíssimo famosos por seus tecidos tingidos, o pigmento mais procurado e valioso era a “púrpura tíria”, feita à base da secreção mucosa de caramujos marinhos e produzida pela primeira vez na cidade de Tiro (no atual Líbano); por ser tão proibitivamente cara, somente a elite podia pagar por ela, e a cor púrpura logo ficou associada ao status real ou imperial.

Apesar de todo o seu poderio econômico, a maior contribuição dos fenícios ao desenvolvimento da história europeia foi o seu alfabeto, adotado a partir do século 11 a.C. Diferentemente de sistemas mais complexos que empregavam centenas de pictogramas ou hieróglifos para registrar as informações, o alfabeto fenício era composto de apenas 22 letras, o que facilitava muito a sua aprendizagem e utilização. Assim, serviu de base para a maioria dos alfabetos ocidentais, incluindo o latino, o grego e o cirílico.

Os MICÊNICOS

A partir de 2200 a.C., povos indo-europeus começaram a migrar para a Grécia continental. Graças à sua habilidade de guerreiros e fabricantes de armas, criaram monarquias tribais. Em seguida, consolidaram seu domínio, erguendo cidadelas fortificadas em pontos estratégicos no interior do território. Por volta de 1600 a.C., muitas dessas fortificações haviam se

transformado em cidades, como Tirinto, Pilos e Midea. O mais importante desses primeiros povoados foi Micenas, que deu nome à civilização. Lá, no alto de uma colina no nordeste do Peloponeso, que comandava as planícies circundantes e era protegida por enormes muralhas de blocos de pedra, foi construída a *acrópole* (do grego “cidade alta”). Os micênicos também negociavam com os povos vizinhos, como os minoicos, que se tornaram uma grande influência, especialmente nas artes. Em meados do século 15 a.C., os micênicos conquistaram Creta, suplantando os minoicos e se tornando a força dominante no Egeu, com colônias no Chipre, em Rodes, na Itália e na Anatólia. O sistema de escrita micênico (hoje conhecido como Linear B) difundiu-se pela região; nele havia cerca de 90 sinais representando sílabas, e centenas de caracteres pictóricos representando objetos.

Mesmo com tanto poder e riqueza, ao longo dos séculos 13 e 12 a.C., a civilização micênica começou a declinar e a se tornar cada vez mais instável até o seu colapso. Existem várias teorias sobre o porquê dessa decadência; uma delas sustenta que se deveu a incursões estrangeiras, seja pelos dóricos do norte da Grécia, seja pelos povos do mar, invasores marítimos que eram o flagelo do Mediterrâneo oriental. Também é possível que disputas internas ou desastres naturais tenham contribuído para o declínio micênico. Independentemente da causa, em 1100 a.C., a civilização micênica já não existia como grande potência. Seu sistema de escrita também caiu em desuso, pois era utilizado, principalmente, pelos escribas palacianos para propósitos administrativos (somente em 1953, linguistas decifram o Linear B). Ao longo dos três séculos seguintes, o mundo grego foi caótico, instável e iletrado. Essa “idade das trevas” chegou ao fim por

volta do ano 800 a.C. com o surgimento de cidades-Estado, como Atenas e Esparta.

Os CELTAS

Os celtas foram um povo indo-europeu que se fixou em várias regiões da Europa (do Mar Negro à costa do Atlântico), compartilhando línguas e culturas semelhantes. Surgiram pela primeira vez na Europa Central, no século 13 a.C., período durante o qual sabe-se que já dominavam a fabricação com bronze, assim como cremavam e sepultavam seus mortos em urnas funerárias. A escavação de um sítio arqueológico em Hallstatt, na Áustria, revelou um rico acervo de artefatos e mostrou que, em 700 a.C., também já dominavam o ferro, metal mais forte que o bronze. Graças à superioridade de suas armas e armaduras feitas com esse material, e a suas habilidades de guerreiros e cavaleiros, os celtas conquistaram grande parte da região e começaram a negociar com os gregos. A fase seguinte do desenvolvimento celta foi a chamada “cultura de La Tène” (nome de um sítio arqueológico na Suíça), iniciada no século 5 a.C. Seu elaborado e inconfundível estilo artístico se caracterizava por linhas abstratas fluidas e espiraladas. A música e a poesia desfrutavam de um enorme valor. Embora tenham criado algumas grandes colônias fortificadas, a sociedade celta sempre foi predominantemente agrícola, e o povo era liderado por reis semi-hereditários e por uma elite de nobres guerreiros. Os rituais e práticas religiosas ficavam a cargo de sacerdotes profissionais chamados druidas. Vários reinos independentes foram fundados do século 5 ao século 1 a.C., período da maior expansão celta: migraram para o Sul, até a Espanha, e para o Norte, até as Ilhas Britânicas e a

Irlanda, e chegaram a invadir a Grécia, para então se aventurar na Anatólia. Os celtas fizeram incursões ao sul dos Alpes, na península itálica, representando uma ameaça constante à nascente República Romana; saquearam Roma em 390 a.C.

A IDADE DO OURO GREGA

Em 800 a.C., a sociedade grega já havia feito a transição de estrutura tribal para organização em cidades-Estado (as chamadas *poleis*). No início, eram oligarquias dominadas por uma classe de latifundiários, os chamados *aristoi* (literalmente “os melhores”). Apesar de certas particularidades, as cidades-Estado possuíam algumas características em comum, como uma noção de cidadania, uma ágora (praça pública com feiras-livres e mercados, também usada para reuniões), julgamentos públicos, códigos legais publicados e *sinecismo* (incorporação dos campos e vilas vizinhos). Os antigos gregos eram politeístas, com um panteão de deuses no qual Zeus era a divindade suprema. Contudo, cada *pólis* tinha o seu próprio deus patrono e seus próprios festivais, de modo que as práticas religiosas variavam de lugar para lugar. As *poleis* cultivavam uma tradição militarista voltada à autodefesa e à expansão. Em seus exércitos, predominavam os *hoplitas* — cidadãos voluntários que lutavam em uma massa compacta de lanças e escudos denominada falange. A vitória nas batalhas dependia da disciplina e da confiança nos companheiros. Muitas *poleis* tinham marinhas de guerra que, no século 8 a.C., usavam a trirreme (embarcação longa e delgada, cujo principal meio de propulsão eram três fileiras de remos). Os homens livres, sem condições de adquirir armas ou armaduras, prestavam o serviço militar como remadores.

A *pólis* mais célebre foi Atenas, cuja origem remonta a 5.000 anos. Sua acrópole foi erguida em 1200 a.C., ainda no período micênico. A cidade cresceu, tornou-se um importante centro comercial e dominou o território ao seu redor (chamado Ática). O enriquecimento ateniense causou desavenças entre ricos e pobres, provocando tensões internas que levaram a cidade à beira de uma guerra civil. A fim de evitar o conflito, em 594 a.C., o político Sólon (c. 638-558)* elaborou uma nova constituição democrática para Atenas, que conferia aos homens livres mais pobres o direito ao voto para a Eclésia (assembleia popular), que determinava a política externa, funcionava como Suprema Corte e nomeava as altas autoridades e os generais (geralmente aristocratas). Os cargos menos importantes eram preenchidos por sorteio. A Eclésia se reunia três ou quatro vezes por mês e, no século 5 a.C., já contava com 40 mil membros (o quórum para as votações era de 6 mil). Com o passar do tempo, a maioria das *poleis* copiou o modelo ateniense, com os cidadãos adultos do sexo masculino participando ativamente das questões de Estado (Esparta foi uma exceção digna de nota). Embora esse sistema democrático tenha se provado sólido, às vezes, em tempos de crise, um indivíduo assumia o poder temporariamente e governava sem seguir as leis nem a constituição — eram os chamados tiranos.

Não satisfeitas em permanecer em seus territórios de origem, muitas cidades-Estado gregas criaram colônias em outras terras. No total, foram fundadas mais de 400 nas costas do Mediterrâneo e do Mar Negro, disseminando a língua e a cultura gregas. Mesmo quando já não tinham mais o mesmo

* Nos casos em que obviamente o nascimento e morte de uma figura histórica (ou acontecimento) se deu antes de Cristo, e como a ideia do livro é ser sintético ao máximo, o a.C. foi suprimido. (N. E.)

poder político, as cidades-Estado gregas continuavam a ter uma imensa influência cultural.

EUROPEUS NOTÁVEIS: SÓCRATES (470-399)

A cultura grega desse período teve um impacto duradouro, sobretudo no campo da filosofia. Um dos primeiros grandes filósofos gregos foi Sócrates, que buscava respostas para questões fundamentais, como viver uma “vida boa”. As autoridades atenienses o julgaram culpado por corromper a juventude e não acreditar nos deuses; foi condenado à morte e, apesar da insistência de seus seguidores para que se exilasse, submeteu-se à punição e ingeriu uma dose letal de cicuta. Seu discípulo Platão (428-347) sustentava que os seres humanos são dotados de um senso inato do bem e do mal; em 387 a.C., fundou a Academia, uma escola de filosofia em Atenas. Um de seus alunos, Aristóteles (384-322), acreditava que o mundo deveria ser compreendido empiricamente e, por isso, exerceu importante influência no desenvolvimento do pensamento científico. Juntos, os três são considerados os pais da filosofia ocidental.

AS GUERRAS MÉDICAS

A atividade colonial e a interferência grega na Ásia Menor provocaram um conflito com o Império Persa, que dominava grande parte do Oriente Médio. Em resposta, os persas invadiram a Grécia continental em 490 a.C.: desembarcaram em Maratona e já se preparavam para marchar até Atenas, quando foram derrotados por um exército de hoplitas gregos, que os forçaram a recuar.

Dez anos depois, no ano 480, eles voltaram. Dessa vez, com um vasto exército (historiadores antigos falam em